

Sentimentos de insegurança na personagem Lenu, em *A amiga genial*, de Elena Ferrante: uma abordagem sociocognitiva¹

Francisco Renato Lima (UESPI)*

<https://orcid.org/0000-0002-1372-5444>

Márcia do Socorro Botelho Cavalcante (SEDUC-PA)**

<https://orcid.org/0000-0002-9395-0632>

Resumo:

Este estudo situa-se no campo da Linguística Textual (LT), assumindo uma abordagem sociocognitivista, conforme os princípios teóricos dos estudos críticos do discurso de van Dijk (2012, 2016), que envolvem a relação linguagem, discurso, contexto e cognição. A proposta objetiva analisar cenas que evidenciem possíveis sentimentos de insegurança, apresentados pela personagem Lenu, em diferentes momentos da narrativa literária: *A amiga genial*, de Elena Ferrante, com base na teoria de modelos de contexto. Para tanto, utiliza-se a categoria: ‘O Eu-mesmo’ e suas subcategorias: a) o papel social dos sujeitos; e b) as relações entre os participantes; e ainda, a categoria: ‘ações/eventos comunicativos ou de outra natureza’. Metodologicamente, o estudo assume uma abordagem qualitativa, realizado por meio de pesquisa exploratória e bibliográfica. Para a exploração do fenômeno, foi realizada a seleção de doze trechos que constituíram o *corpus* de análise. Conclui-se que a insegurança de Lenu identificada a partir dos modelos de contextos, articulando a fase da infância e da adolescência,

1 Este texto, com alterações e aprofundamentos, é fruto de uma atividade apresentada à disciplina: ‘Tópicos de Linguística Textual’, (semestre 2021.1), do Programa de Pós-graduação em Linguística, do Instituto de Estudos da Linguagem/Universidade Estadual de Campinas (IEL/UNICAMP), ministrada pela professora Dra. Anna Christina Bentes, a quem dispensamos nossos agradecimentos pelas leituras, críticas e sugestões. Ressaltamos que é de nossa inteira responsabilidade as opiniões expressas e os possíveis equívocos teórico-conceituais e metodológicos remanescentes.

* Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Letras - Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Atualmente é Professor Assistente (substituto) da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3152885404404790>. E-mail: fcorenatolima@hotmail.com.

** Mestre em Letras: Linguística e Teoria Literária pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora Efetiva da Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), atuando em escolas de Ensino Fundamental e Médio. Currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/7835648316617573>. E-mail: marciapai@hotmail.com.

constitui uma característica contínua e recorrente na vida da personagem.

Palavras-chave: Modelos de Contexto; Sociocognição; Insegurança; Lenu; Elena Ferrante.

Abstract:

Feelings of insecurity in the character Lenu, in *A amiga genial*, by Elena Ferrante: a sociocognitive approach

This study is located in the field of Textual Linguistics (TL), assuming a sociocognitivist approach, according to the theoretical principles of critical discourse studies by van Dijk (2012, 2016), which involve the relationship between language, discourse, context and cognition. The proposal aims to analyze scenes that show possible feelings of insecurity, presented by the character Lenu, in different moments of the literary narrative: *A genial friend*, by Elena Ferrante, based on the theory of context models. For this purpose, the category 'The I-myself' and its subcategories are used: a) the social role of subjects; and b) the relationships between the participants; and still, the category: 'communicative actions/events or of another nature'. Methodologically, the study takes a qualitative approach, carried out through exploratory and bibliographic research. For the exploration of the phenomenon, the selection of twelve excerpts that constituted the *corpus* of analysis was carried out. It is concluded that Lenu's insecurity identified from the context models, articulating the childhood and adolescence phase, constitutes a continuous and recurring characteristic in the character's life.

Keywords: Context Models; Sociocognition; Insecurity; Lenu; Elena Ferrante.

1 Considerações iniciais

A linguagem visível é apenas a ponta do iceberg da construção invisível do sentido. (FAU-CONNIER, 1999)

O entendimento de que a narrativa literária pode constituir um fecundo campo para a análise de fenômenos textuais-discursivos toma por base a visada epistemológica inerente aos estudos do texto no Brasil, sobretudo, nas últimas quatro décadas, nas quais, de forma bem demarcada, diversos estudos, no país e no exterior, ao tratarem do texto, em seus processos de produção, recepção e circulação, expandiram seus escopos de análise, para além das tramas sintáticas e le-

xicais do evento comunicativo: o texto (oral ou escrito).

Nessa proposta de descentralização e de reconfiguração de possibilidades de análises textuais-discursivas, inserem-se os estudos críticos do discurso, de base sociocognitivista, propostos por Teun A. van Dijk, nos quais, o teórico explora as relações entre linguagem, discurso, contexto e cognição, em particular, na obra: *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitivista* (2012), que apresenta quadros flexíveis e possíveis para possibilidades de análise de modelos de contexto.

Partindo dessa perspectiva, objetiva-se analisar cenas que evidenciem possíveis sentimentos de insegurança, apresentados pela personagem Lenu, em diferentes momentos da narrativa literária: *A amiga genial*, de Elena Ferrante, com base na teoria de modelos de contexto. Para tanto, utiliza-se a categoria: ‘O Eu-mesmo’ e suas subcategorias: a) o papel social dos sujeitos; e b) as relações entre os participantes; e ainda, a categoria: ‘ações/eventos comunicativos ou de outra natureza’.

Dentre as diversas possibilidades de análise da obra, escolheu-se a insegurança como característica marcante da personagem Elena Creco (Lenu), uma das protagonistas e narradora-personagem do romance. Um maior detalhamento dessa opção será abordado em tópico posterior, que apresenta a personagem e as opções de recorte analítico.

Essa ideia da insegurança, tal como aborda-se neste estudo, toma por base uma noção conceitual advinda da área da Psicologia e está relacionada a comportamentos, sentimentos, afetos, atitudes ou emoções, assumidos pelo sujeito social. Nesse sentido, desse campo de conhecimento, interessa a seguinte reflexão, proposta por Cassas (2019):

[...] podemos pensar em dois agrupamentos de significado para a palavra insegurança: o primeiro gira em torno da sensação de estar em perigo, em um ambiente ameaçador, algo como “sinto-me inseguro ao andar sozinho na rua durante a noite”, relativo a não confiar no seu ambiente; **já o segundo se refere à falta de confiança em si mesmo, a ser medroso e hesitante.** (p. 17)

[...] o “sentimento de insegurança” é expresso pelas pessoas em relação à falta de confiança em si mesmo, medo de não ser capaz de realizar algo, de enfrentar um problema ou de não ser “bom o bas-

tante”. Sua marca principal parece ser a dúvida quanto a sua capacidade de dar conta da situação que se apresenta, e tem por base o medo de falhar. (p. 19) (Grifos nossos)

Essa parte grafada apresenta uma possível contextualização da abordagem tratada neste estudo, buscando respeitar os limites e as (di)convergências de cada cultura disciplinar, a fim de contextualizar a discussão sobre o sentimento de insegurança que caracteriza a personagem no romance *A amiga genial*, de Elena Ferrante.

Em termos de abordagem analítica da referida obra, a maioria dos estudos disponíveis situa-se no âmbito da Literatura, Teorias Literárias Específicas e Literatura Comparada ou Crítica Literária; ou abordagens correlatas e convergentes, como a Análise do Discurso (AD) e a Psicanálise². A título de situar as possíveis contribuições dessas pesquisas, elencam-se, a seguir, três delas, na ordem das referidas abordagens e áreas de estudo.

Na dissertação: ‘Uma longa experiência de ausência: a ambivalência em *A amiga genial*, de Elena Ferrante’, Secches (2019) analisa as ambivalências formais e temáticas que constituem a obra. Perseguindo as narrativas da infância e da adolescência das protagonistas (Elena Creco (Lenu) e Raffaella Cerullo (Lila)), a autora do estudo atenta-se

2 Nesta seleção/recorte, foram identificados vários estudos similares, seja sobre: i) os outros três livros da tetralogia napolitana (2º: *História do novo sobrenome: juventude*; 3º: *História de quem foge e de quem fica: tempo intermediário*; e 3º: *História da menina perdida: maturidade-velhice*), da qual *A amiga genial* é a primeira; ii) outras obras literárias de Ferrante; iii) personagens específicas de alguma obra de Ferrante; ou mesmo, iv) análises mais gerais sobre a figura de Ferrante e sua obra como um todo, de maneira mais geral. No entanto, menciona-se aqui, apenas estudos que, como este, analisam a obra *A amiga genial*.

para a origem das possíveis forças de atração e/ou de repulsão que unem o destino das duas amigas por toda a vida, implicando em mudanças e impactos significativos nos seus destinos e rumos sociais.

Ferreira (2018), em texto publicado em anais de eventos, intitulado: 'Olhar-se no espelho: o *ethos* narrativo em *A amiga genial*, de Elena Ferrante', foca na enunciação da narradora em primeira pessoa, percebendo como a construção de um *ethos* funciona como um jogo de espelhos, que simbolicamente inclinados em ângulos caleidoscópicos por interações, levam a autora a abordar a ideia da representação de uma imagem de si relacionada com o objetivo do próprio discurso. Assim, Ferreira (2018, p. 1402) questiona: "Que face vemos da Elena que escreve as memórias para impedir o desaparecimento da amiga, e quem é essa amiga se não um reflexo de quem um dia ela foi?"

Em 'Escrita, vestígio e ausência em *A amiga genial* de Elena Ferrante', artigo publicado em periódico, Dantas e Moschen (2019) analisam, pela ótica da Psicanálise, uma possibilidade de traçar elementos que deem contorno a máxima freudiana de que possíveis traços mnêmicos, constituídos no aparelho psíquico, constituem fruto de um apagamento. Nisso, as autoras, a partir do significado do vestígio, como 'rastros de significante', aproximam o texto da escritora italiana às formulações sobre o inconsciente de Freud.

Um apanhado dessas análises da obra fomenta a necessidade de realização deste estudo, assentado no campo da Linguística, em especial da Linguística Textual (LT), a partir de uma abordagem sociocognitiva, proposta pelos estudos críticos do discurso, de van Dijk (2012, 2016), os quais alicerçam a presente análise textual-discursiva. Nesse

sentido, a presente proposta tenta contribuir com essas discussões e, ainda, ampliar horizontes de investigação e perspectivas analíticas, criando pontes de aproximação entre a Literatura e a Linguística, em respeito ao princípio de que o texto literário constitui fecundo campo para a exploração de diferentes categorias e níveis de análise da linguagem, relacionadas ao discurso, ao contexto e à cognição.

2 Modelos de contexto no controle do discurso: uma abordagem sociocognitiva

No começo dos anos 1980, o linguista Teun A. van Dijk criou a teoria dos modelos de contexto para explicar como eles "controlam muitos aspectos da produção e compreensão de textos e falas" (VAN DIJK, 2012, p. 87). Segundo o teórico, para compreender os sentidos do discurso num contexto situacional é necessário identificar quais propriedades ou categorias são relevantes na situação social em que os participantes estão envolvidos. Para isso, a análise dos contextos em que se dá a interação ou em que ocorrem os eventos é de suma importância para compreender como esses sentidos foram formalmente estruturados e ajustados estrategicamente à situação de interação verbal.

Os contextos são uma espécie de modelo mental construído a partir da experiência real cotidiana dos sujeitos, e são guardados na memória episódica dos participantes do discurso. Por isso que van Dijk (2012) afirma que os contextos não são dados de uma situação social objetiva, mas são construídos pelos participantes do discurso.

Por exemplo, no romance *A amiga genial*, toda atmosfera da narrativa é criada a partir do contar dos fatos pela narradora-perso-

nagem, Lenu. Ou seja, os sentidos dos discursos que constroem a narrativa ganham significados à medida que o leitor vai entendendo o entrelaçar dos fatos e o contexto social em que os participantes estão envolvidos. Em outras palavras, a narrativa se estrutura e ganha sentido na proporção que os personagens vão sendo inseridos e/ou participando (falando). Com isso, entende-se o porquê do enredo de cada episódio.

Os modelos de contexto ou modelos mentais, portanto, além de representarem o sentido de um texto, fazem com que os usuários da língua consigam estabelecer uma referência a ‘fatos relacionados’ e, assim, construam ideias/teorias dos assuntos/temas dos textos. Ou seja, de acordo com van Dijk (2012, p. 90), “uma sequência de sentenças de um texto é coerente se os usuários da língua forem capazes de construir modelos mentais dos eventos ou fatos sobre os quais estão falando ou ouvindo, e se forem capazes de relacionar entre si os eventos ou fatos que estão nesses modelos”.

Um exemplo claro desse tipo de construção coerente de discurso está muito presente na narrativa do romance *A amiga genial*, pois os episódios já começam com o desfecho, com o fato final em si, o que, aliás, é uma inteligente estratégia usada pela autora, de pseudônimo Elena Ferrante, para prender a atenção do leitor. E este, para poder compreender o porquê de tal desfecho, precisa conhecer os fatos anteriores que foram a causa da situação apresentada em cada início de episódio/cena ou trecho; e isso é feito magistralmente pela narradora-personagem, Lenu.

Na seção final deste trabalho, a qual se destina à análise dos trechos escolhidos dos episódios para se evidenciar as marcas de insegurança de Lenu por meio de seus dis-

cursos, utiliza-se dessa estratégia de contextualização para poder mostrar como os modelos de contexto também proporcionam um ‘ponto de partida’ para a produção dos discursos. No caso da personagem Lenu, a partir de seus conhecimentos, das suas relações sociais e das suas experiências na infância e na adolescência, ela constrói modelos mentais únicos e subjetivos que representam a maneira como interpreta e constrói sua ideia sobre o mundo real e seu convívio com outros participantes, sobretudo, com Lila, sua amiga principal.

Trazendo a teoria de van Dijk (2012) sobre esse aspecto, o exposto acima é um exemplo de como o processamento do discurso é controlado pelo contexto, isto é, como o modelo de contexto controla o processo de produção e de compreensão do discurso dos sujeitos. Segundo o linguista, é por meio da interação, categoria mais ampla do contexto, que o discurso começa, para depois, de acordo com as intenções e os objetivos do falante, definir quais informações serão expressas nas estruturas semânticas globais e locais do discurso, construído textualmente pelas categorias específicas do contexto, que são as estruturas variáveis do texto e da fala (estruturas fônicas, a sintaxe, a seleção léxica, o estilo etc.) que revelam como as coisas são ditas na situação em curso, e não o que está dito, até porque o próprio evento (situação), por si só, já evidencia o conteúdo do discurso (aquilo que é dito).

É possível concluir que os conteúdos dos discursos (modelos de eventos) podem influenciar os modelos de contexto de seus receptores, ou seja, a forma como vão construir seus modelos mentais, isto é, compreender o discurso. No romance, muito do sentimento de insegurança de Lenu se constrói a partir do modo como ela se compara

à Lila, e, principalmente, por se deixar influenciar pelo discurso desta, e assim, cada vez mais, age de forma insegura, sem conseguir se desvincular da influência de Lila.

Assim, os modelos de contexto trazem contribuições para o estudo das propriedades do discurso, bem como, identificam os modos pelos quais os discursos são controlados. Nesse sentido, de acordo com o linguista, por isso que os modelos de contexto são pessoais, únicos e subjetivos; pois vão sendo formados durante a interação. Portanto, podem comportar opiniões e emoções sobre o evento que está ocorrendo ou sobre as ações dos participantes.

Ademais, eles servem para explicar como o mesmo modelo pessoal de um evento costuma ser expresso por diferentes discursos, em situações sociais diversas. Isso é possível pois os modelos de contexto colocam o Eu-mesmo em várias identidades-por-papel do falante/ou receptor, nesses modelos (VAN DIJK, 2012).

Para exemplificar como os modelos de contexto podem ser usados em contextos reais da comunicação, o autor sugere algumas categorias em que ocorre o controle do discurso, como: 'O Eu-mesmo', que se constitui de papéis comunicativos (pertencer a um grupo específico), relações entre os participantes (familiar, amizade etc.), dentre outras subcategorias; ou ainda pela categoria 'Ações/Eventos comunicativos'.

Na proposta de análise da obra *A amiga genial*, de Elena Ferrante, escolheu-se a categoria: 'O Eu-mesmo', que permite entender, por exemplo: a) o papel social dos sujeitos; e b) as relações entre os participantes; e ainda a categoria: 'ações/eventos comunicativos ou de outra natureza', identificando assim, como a narradora constrói o discurso que leva o leitor a perceber o sentimento de insegurança de Lenu, amiga de Lila.

3 A narrativa literária como objeto de análise: a personagem Lenu no contexto da obra: *A amiga genial*, de Elena Ferrante

A presente proposta lança um olhar sociocognitivo sobre a construção de um contexto literário. Assim, o propósito deste tópico é apresentar a personagem Lenu, narradora-personagem e uma das protagonistas de *A amiga genial*, de Elena Ferrante; bem como, as opções de recorte analítico da obra, que sucederão o próximo tópico.

A tetralogia Série Napolitana, composta de quatro volumes, sendo o primeiro deles, *A amiga genial*, objeto desta análise, chega ao Brasil, em 2015, pela tradução de Maurício Santana Dias. Nele, são alicerçados os pilares fundamentais e introdutórios para a continuidade da saga nos três livros seguintes, em ordem cronológica: *História do novo sobrenome: juventude* (FERRANTE, 2016a); *História de quem foge e de quem fica: tempo intermediário* (FERRANTE, 2016b); e *História da menina perdida: maturidade-velhice* (FERRANTE, 2017), todos traduzidos pelo mesmo tradutor.

De maneira breve, pode-se destacar que, no primeiro livro, a trama começa a ser tecida a partir do desaparecimento de Raffaella Cerullo (a Lila), já adulta; e, por meio do recurso do *flashback*, a outra protagonista da história, Elena Greco (a Lenu), torna-se a narradora-personagem e começa a contar os fatos que marcaram a infância e a adolescência de ambas. Nesse entrelaçar de experiências, muitos outros personagens e, sobretudo, as famílias³, vão sendo inseridos

3 Um fato que chama atenção nos quatro volumes é que, no início de cada um, as famílias e seus membros são apresentados; e isso ocorre pela ordem que os personagens vão aparecendo no texto e, conseqüentemente, pela importância

na história, que se passa no subúrbio de Nápoles, na Itália, por volta dos anos 1950, do século XX, ainda sob a influência do contexto pós Segunda Guerra Mundial.

Da infância à adolescência, Elena Greco, também chamada de Lenuccia ou Lenu (principalmente pelos mais próximos, a exemplo de Lila), é a porta voz da narrativa. É por meio do seu olhar, embora sob forte influência de Lila, que a narradora controla o discurso no sentido de levar o leitor para o contexto narrado.

Lenu é a filha mais velha dos quatro irmãos. Ela vive em um contexto de conflito com os pais, sobretudo com a mãe, no que diz respeito a essa aceitar que ela continue seus estudos. Com o apoio da professora, Lenu consegue se manter vinculada à instituição, que lhe serve como mecanismo de posição social e, ao mesmo tempo, de possível vantagem em relação a Lila, com quem tem uma amizade, marcada por disputas, que lhe traz um misto de sentimentos confusos que fomentam sua insegurança.

Embora Lenu apresente esse perfil, é quem se mantém mais fiel a um propósito de vida, que envolve frequentar a escola e alcançar projeção social com isso. Já Lila, antes empenhada com a escola, depois com o trabalho, muda radicalmente os planos e resolve dedicar-se exclusivamente à vida do lar, associando-se, de forma dependente, à figura do marido. E, assim, já no desfecho da história, Lenu ouve de Lila “você é minha amiga genial” (FERRANTE, 2015, p. 312), revelando a quem título do romance se refere, e também, com isso, evidencia-se que

(protagonismo) que assumem na trama principal (a vida de Lila e Lenu). Mais interessante ainda é que, nos volumes seguintes (2, 3 e 4), essa apresentação do grupo familiar vai ficando mais ampla e extensa, fato coerente com a passagem do tempo que os quatro livros retratam: da infância a velhice.

o modelo de contexto propicia o controle do discurso, para que o leitor chegue a essa conclusão.

Na infância e adolescência de ambas, diversos aspectos merecem atenção, mas para a opção de recorte analítico, neste estudo, busca-se observar possíveis sentimentos de insegurança, apresentados pela personagem Lenu em diferentes momentos da narrativa, revelados pelo modelo de contexto, construído pela categoria: ‘O Eu-mesmo’, que permite entender, por exemplo: e a) o papel social dos sujeitos; e b) as relações entre os participantes; e pela categoria: ‘ações/eventos comunicativos’, seguindo a abordagem sociocognitivista de van Dijk (2012), voltada sobre a relação discurso, contexto e cognição.

Quanto à metodologia, o estudo assume uma abordagem qualitativa, realizado por meio de pesquisa exploratória e bibliográfica. Para a exploração desses sentimentos de insegurança de Lenu, faz-se, ao longo da obra, seleção, recorte ou extração de doze trechos locais que constituirão o *corpus* demonstrativo do fenômeno analisado, que fazem parte de contextos mais amplos⁴ da narrativa (por exemplo, se na fase da infância (da pág. 19 a 79) ou da adolescência (da pág. 81 a 331)). Com isso, busca-se, no tópico seguinte, apresentar amostras significativas do romance que possam identificar o sentimento de insegurança na personagem Lenu, com base na teoria de modelos de contexto de van Dijk (2012).

4 Embora utilize-se as expressões ‘trechos locais’ e ‘contextos mais amplos’, para situar os recortes metodológicos de seleção do *corpus*, isso não constitui uma referência a ideia de ‘contextos globais e locais’, de van Dijk (2012), ao tratar da distinção entre ‘micro (nível local)’ e ‘macro (nível amplo)’ aplicada aos modelos de contextos. Assim, evita-se eventuais cobranças ou mal-entendidos, junto ao objetivo e as opções teóricas.

4 Sentimentos de insegurança em Lenu: uma proposta de análise a partir da teoria de modelos de contexto

Este tópico objetiva analisar cenas que evidenciem possíveis sentimentos de insegurança, apresentados pela personagem Lenu, em diferentes momentos da narrativa, com base na teoria de modelos de contexto. Para tanto, utiliza-se a categoria: ‘O Eu-mesmo’ e suas subcategorias: a) o papel social dos sujeitos; e b) as relações entre os participantes; e ainda, a categoria: ‘ações/eventos comunicativos ou de outra natureza’.

Para uma maior clareza dessa estrutura

de modelo de contexto, apresentam-se doze recortes das fases infância e adolescência da personagem Lenu, a fim de que se possa compreender, como Elena Ferrante construiu na narrativa, os modelos de contextos dos possíveis sentimentos de insegurança dessa personagem a partir do que esta pensa, fala e age. Com isso, ela configura-se como uma pessoa insegura durante toda a narrativa.

4.1 O ‘Eu-mesmo’ de Lenu a partir do papel social dos sujeitos

Nos recortes abaixo, busca-se ilustrar como o ‘Eu-mesmo’ de Lenu vai sendo construído, a partir do papel social que ela assume com os demais sujeitos da narrativa.

Quadro 1 - Recortes 01 ao 04

CATEGORIA: ‘O EU-MESMO’	
O papel social dos sujeitos	
Infância	Adolescência
<p>Recorte 01: “Primeiro socorri Mariza, que já chorava, e a ajudei a se levantar; depois me virei para ver o que Lila estava fazendo. Tinha descido da calçada para atravessar a estrada e ir até Melina, sem se preocupar com os caminhões que passavam. Vi nela, mais na postura que no rosto, <i>algo que me perturbou e que até hoje sinto dificuldade de definir</i>,” [...] (p. 32-33)</p> <p>Recorte 02: “Acho que naqueles anos só temi uma coisa: não ser mais emparelhada a Lila nas hierarquias estabelecidas pela professora, não ouvir mais a Oliviero dizer com orgulho que “Cerullo e Greco são as melhores”. Se um dia ela dissesse: “as melhores são Cerullo e Sarratore”, ou “Cerullo e Peluso”, <i>eu cairia fulminada</i>. Por isso empenhei todas as minhas energias de menina não para me tornar a primeira da classe – coisa que <i>me parecia impossível conseguir</i> – mas para não deslizar para o terceiro, o quarto, o último lugar”. (p. 39)</p>	<p>Recorte 03: “<i>Fiquei muito mal</i>. Em surdina começou a despontar a ideia de que, <i>sem Lila, eu nunca mais experimentaria o prazer de pertencer ao restrito grupo dos melhores</i>.” (p. 84)</p> <p>Recorte 04: “Nas aulas <i>comecei a me sentir inutilmente presente</i>. Por meses e meses me pareceu que toda promessa e toda energia tinham abandonado os livros didáticos. Na saída da escola, <i>tonta de tristeza</i> [...]” (p. 92)</p>

Fonte: (FERRANTE, 2015)

Conforme mencionado na metodologia de seleção do *corpus* do estudo, é necessário precisar os contextos mais amplos (ou globais) da narrativa, de onde os recortes (contextos mais locais) foram extraídos, a fim de que se possa entender como o discurso revela o sentimento de insegurança da personagem.

O recorte 01 refere-se ao episódio em que Lenu relata uma situação de violência originada por Lila, que deu uma bofetada em Marisa Sarratore, pelo fato dela ter ofendido Melina, chamando-a de puta, por ela gostar de seu pai. Diante do fato, ela sente-se insegura e perturbada, sem saber o que pensar ou como definir quem era Lila.

O recorte 02 é parte do episódio que acontece no contexto escolar, no período primário, quando Lenu relata a exaltação que a professora faz sobre o surpreendente e precoce desenvolvimento escolar de Lila. É perceptível o quanto esse fato faz com que Lenu sintam-se temerosa, e, portanto, insegura, quando vê a possibilidade de não ser mais classificada, pelo menos, como a segunda melhor aluna depois de Lila.

O recorte 03 foi extraído da situação em que Lenu ingressa na escola média, sem a presença de Lila, o que, a princípio, trouxe-lhe um sentimento de superioridade, mas logo depara-se com a nova realidade, “uma espécie de atoleiro” (p. 84), pois não conhece ninguém, não tem amigos, percebe que a situação não seria tão feliz como previra, deixando-a insegura.

O recorte 04 evidencia um prolongamento da situação anterior (recorte 03). Com o passar do tempo, embora avançasse nos estudos, a ausência de Lila deixava-a cada vez mais insegura e sem ‘utilidade’ diante do papel social que ocupava.

Conforme van Dijk (2012), além da análise da estrutura da narrativa literária, é pre-

ciso considerar as estruturas do contexto e os parâmetros que permitem a construção de um modelo de contexto, o qual constitui um construto social compartilhado pelos participantes da situação comunicativa, que têm tipos especiais de modelos do dia a dia, representados na memória episódica. Desse modo, “os usuários da língua não estão apenas envolvidos em processar o discurso; ao mesmo tempo, eles também estão engajados em construir dinamicamente sua análise e interpretação subjetiva on-line” (VAN DIJK, 2012, p. 87), o que constitui o princípio da interação *na* e *pela* linguagem (KOCH, 2012).

Em face disso, no geral, ao observar as situações destacadas, é possível compactuar, junto ao propósito pretendido por Ferrante, uma compreensão compartilhada acerca dos episódios narrados. Nesse aspecto, de imediato, fica muito evidente que os papéis sociais desempenhados pelas personagens, em especial, Lila e Lenu, estão centrados no interior da escola ou, quase sempre, tratando sobre as relações escolares. Esse fato, inclusive, é bastante coerente, uma vez que na faixa etária em que estão (infância e adolescência), a escola figura com a instituição principal que frequentam. E, em especial, na narrativa de Ferrante, os grupos dos quais Lenu participa (relacionados a escola, principalmente) têm um papel determinante em sua vida.

As estratégias utilizadas por Ferrante para atrair essa atenção estão marcadas em diversos elementos textuais-discursivos, explícitos e implícitos no texto literário. A insegurança de Lenu, por exemplo, conforme a multiplicidade de formas apresentadas pelo campo da Psicologia (CASSAS, 2019) é evidenciada por meio de suas ações, falas, pensamentos, atitudes, comportamentos, entre outros marcadores discursivos e cognitivos, como o uso de expressões ou palavras que

remetem à negação ou negatividade (“me perturbou”; “sinto dificuldade de definir” (p. 33)), que, pela estrutura semântica textual-discursiva, evidenciam como Lenu se sente ou pensa.

Com isso, há elementos figurativos e textuais da categoria ‘O Eu-mesmo’ que constroem o sentimento de insegurança de Lenu, que vai sendo compartilhado com o leitor, a partir dos diversos papéis sociais que ela assume. Portanto, essa categoria serve como

orientação teórica e empírica (KOCH; MORATO; BENTES, 2011), para que se construa um modelo de contexto subjetivo do fenômeno analisado.

4.2 O ‘Eu-mesmo’ de Lenu a partir das relações entre os participantes

Nos recortes a seguir, busca-se ilustrar como o ‘Eu-mesmo’ de Lenu, a partir da relação que ela estabelece com os participantes da narrativa.

Quadro 2 - Recortes 05 ao 08

CATEGORIA: ‘O EU-MESMO’	
As relações entre os participantes	
Infância	Adolescência
<p>Recorte 05: “Na época já havia <i>algo que me impedia de abandoná-la</i>. Não a conhecia bem, nunca tínhamos trocado uma palavra, mesmo competindo continuamente entre nós, na classe e fora dela. Mas eu <i>sentia confusamente</i> que, se tivesse fugido com as outras meninas, <i>lhe teria deixado algo de meu que ela nunca mais me devolveria</i>.” (p. 26)</p> <p>Recorte 06: “Pouco antes do exame de conclusão da escola fundamental, Lila me incentivou a fazer outras das tantas coisas que, <i>sozinha, eu jamais teria coragem de encarar</i>.” (p. 66)</p>	<p>Recorte 07: “Toda aquela fase prosseguiu nesse ritmo. Logo <i>precisei admitir que as coisas que eu fazia sozinha não eram capazes de disparar meu coração</i>, só aquilo que Lila tocava se tornava importante. <i>Se ela se distanciava, se sua voz se afastava das coisas, estas se cobriam de manchas, de poeira</i>. A escola média, o latim, os professores, os livros, a língua dos livros me pareceram definitivamente menos sugestivos que o acabamento de um sapato, e <i>isso me deprimiu</i>”. (p. 93)</p> <p>Recorte 08: “<i>Com o sutiã, meu peito ficou ainda mais visível</i>. Nos últimos meses da escola fui importunada pelos meninos e logo entendi por quê. Gino e seu colega tinham espalhado que eu mostrava meu corpo sem problemas, e de vez em quando aparecia um me pedindo para repetir o espetáculo. Eu me desvencilhava, comprimia o peito com os braços cruzados, <i>me sentia misteriosamente culpada e sozinha com minha culpa</i>. Os meninos insistiam, até no meio da rua, até no pátio. Riam, debochavam de mim. Tentei rechaçá-los uma ou duas vezes com os modos de Lila, mas não me saí bem, e então não resisti e <i>caí no choro</i>. <i>Com medo</i> de que me importunassem, <i>me isolei em casa</i>. Estudava muitíssimo, <i>agora só saía para ir à escola, e assim mesmo de má vontade</i>.” (p. 95)</p>

Fonte: (FERRANTE, 2015)

O recorte 05 refere-se a um episódio na saída da escola primária, local onde era comum os meninos jogarem pedras nas meninas por estas serem tidas como melhores do que eles. Lenu logo viu na Lila o lado destemido, pois, ao contrário das meninas que corriam, ela sabia desviar, com calma, das pedras, e assim livrar-se da confusão. Diante disso, Lenu estabelece um sentimento de dependência (característico de sua insegurança), de querer estar sempre ao lado de Lila, mesmo não tendo trocado uma palavra com ela.

O recorte 06 evidencia uma situação em que Lila encoraja Lenu a vivenciar experiências sociais de forma independente, desprendendo-se dos vínculos e dos amarrações que a aprisionavam, como lidar com a família, sair da cidade, do bairro, mudar de escola etc.

O recorte 07 é oriundo da experiência de Lenu na escola média, quando, mesmo já tendo passado algum tempo, o sentimento de insegurança permanece, fato que ela atribui à ausência de Lila.

O recorte 08 refere-se à dificuldade de Lenu em aceitar as transformações físicas em seu corpo, por conta de estar na adolescência. Transformações essas, consideradas negativas pela personagem, ao comparar-se com as mudanças físicas que Lili também apresentava, pois enquanto nesta, a mudança era discreta, em Lenu a estrutura corpórea ganhava medidas maiores, como seios fartos etc.

São perceptíveis nesses trechos que o sentimento de insegurança de Lenu, na relação com os participantes, manifesta-se por atitudes e pensamentos, como: medo de situações novas, falta de confiança em si mesmo, melancolia, depressão, abatimento, retração social, medo de falhar etc. (CASAS, 2019); e que revelam sua dependência cognitiva e afetiva de Lila. Esses sentimen-

tos são marcados textualmente na narrativa por enunciados, como “impedia de abandoná-la” (p. 26); “logo precisei admitir que as coisas que eu fazia sozinha não eram capazes de disparar meu coração” (p. 93), entre outros.

Esse sentimento de insegurança de Lenu, ao relacionar-se com os participantes, pode ser revelado ainda em uma conversa com Lila, ao explicar a recusa de um pedido de namoro, feito por Gino: “Porque não estou segura sobre meus sentimentos” (p. 96). Nesse ponto da narrativa, Lenu exige que não deva “ser tratada como Carmela” (p. 95), mostrando desse modo, de um lado, uma relativa postura ativa diante da situação; e, de outro, mantendo ainda, a reincidência do sentimento de insegurança. Assim, a personagem (des)equilibra-se em uma linha tênue, não sendo possível, portanto, a partir do contexto macro da obra (VAN DIJK, 2012), dizer que ela é uma pessoa segura. Seu intuito, ao relacionar-se com os participantes, mais diretamente com Lila, era tentar, mais uma vez, atrair sua atenção, valorização e afeto.

Nesse quadro de construção da categoria ‘Eu-mesmo’, portanto, envolvendo a relação entre os participantes, ficam evidentes, a partir dos recortes, relações permeadas por laços de poder, de dependência, de inferioridade, dentre outros. Outra evidência de identificar os participantes é que, independentemente de sua identidade social, eles vão tentar representar seu próprio *Eu*, por meio do uso de expressões dêiticas, como: “me”, “nós”, “eu”, “meu”, “ela”, “sua”, “minha”, “mim”. Essas marcas textuais-discursivas configuram esse modelo de contexto como “crucialmente egocêntrico”, ou seja, subjetivo, e organizam “as relações entre o Eu (no papel de Falante, Receptor ou outro) e outros participantes” (VAN DIJK, 2012, p. 114).

4.3 Lenu e a participação em ações e eventos comunicativos

Nos recortes abaixo, busca-se identificar

algumas ações ou eventos comutativos nos quais Lenu se insere, sendo perceptível seu sentimento de insegurança na narrativa.

Quadro 3 - Recortes 09 ao 12

CATEGORIA: 'AÇÕES/EVENTOS COMUNICATIVOS OU DE OUTRA NATUREZA'	
Infância	Adolescência
<p>Recorte 09: “Ela considerava estar fazendo uma coisa justa e necessária, eu me esquecera de qualquer boa razão e certamente <i>só estava ali porque ela também estava</i>”. [...] (p. 21)</p> <p>Recorte 10: “No início eu ficava escondida atrás de uma esquina, espichando-me para ver se Lila chegava. Depois, vendo que <i>ela não se movia, me forçava a alcançá-la, passava-lhe umas pedras, atirava-as eu também</i>. Mas o fazia sem convicção, fiz muitas coisas em minha vida, <i>mas jamais convicta, sempre me senti um pouco descolada de minhas próprias ações</i>”. (p. 26)</p>	<p>Recorte 11: “<i>Não tive coragem de voltar para casa, me refugiei com Lila em busca de ajuda. Conteí o que tinha acontecido, ela me pediu para ver os óculos, os examinou. Disse que os deixasse com ela. Expressou-se com uma determinação diferente da que tinha em geral, mostrou-se mais calma, como se já não fosse necessário bater-se até o extremo por cada mínima coisa. Imaginei alguma intervenção milagrosa de Rino com seus instrumentos de sapateiro e voltei para casa esperando que meus pais não notassem que eu estava sem lentes.</i>” (p. 256)</p> <p>Recorte 12: “<i>Duvidei de que eu fosse capaz. Estudar não adiantava: podia tirar dez nas provas, mas aquilo era só a escola; já a revista tinha farejado meu relato, o relato meu e de Lila, e não o publicara. Nino, sim, podia tudo: tinha o rosto, os gestos, o andar de quem faria sempre melhor. Quando foi embora, tive a impressão de que desaparecera a única pessoa em todo o salão que tinha a energia suficiente para me tirar dali.</i>” (p. 331)</p>

Fonte: (FERRANTE, 2015)

O recorte 09 é parte de um episódio em que Lenu e Lila foram juntas ao apartamento de dom Achille cobrar deste que devolvesse as bonecas delas que caíram no porão por ocasião, de quando estavam brincando no pátio do prédio onde moravam. Como dom Achille tinha fama de ser mal, estavam certas de que ele tinha encontrado as bonecas e ficado para si.

O recorte 10 é continuação de uma memória episódica já retratada no recorte 05, acerca de uma situação que ocorria toda vez que as meninas saíam da escola. Como

Lenu sabia que Lila não tinha medo de enfrentá-los, ao contrário dela, que se sentia insegura, sem saber como reagir, como escapar daquela situação violenta, esperava Lila chegar, para também ter coragem de atirar pedras neles. Nesse caso, embora tivesse uma ação relativamente ativa, não o fazia por sua própria iniciativa, mas sim, porque queria imitar Lila.

O recorte 11 mostra que, em um determinado evento social (a correria na saída da escola), os óculos de Lenu quebram, deixando-a extremamente insegurança. E, mais

uma vez, é Lila quem aparece como alternativa de socorro diante da situação.

O recorte 12, no final do romance, mostra que Lenu, mesmo já tendo passado por diversas situações de aprovação social, ainda não sabe lidar com frustrações, pois o simples fato de não ter um artigo (de sua autoria e de Lila) publicado em uma revista, traz à tona o sentimento de insegurança acerca de suas capacidades intelectuais, constituindo, assim, um traço contínuo de sua personalidade demarcado em toda a narrativa.

Uma análise sociocognitivista pressupõe, segundo van Dijk (2016, p. 12), a interface entre discurso e sociedade. “Os modelos de contexto representam os aspectos do ambiente comunicativo, e por consequência os parâmetros sociais do uso da linguagem, definidos como relevantes para os e pelos participantes”. Desse modo, a análise das ações ou eventos comunicativos recortados é “resultado de processar informações extraídas de muitos textos-fonte” (VAN DIJK, 2012, p. 149), ou seja, o modelo de contexto construído, *a priori*, não está dado, em categorias fixas, mas pela relação entre os participantes do discurso.

Ainda segundo van Dijk (2012), os modelos de contexto são oriundos de eventos de experiência em andamento. Portanto, os modelos mentais acionados em cada ação ou evento partem de um elo entre: i) discurso e conhecimento e ii) comunicação e interação. Essa atividade sociocognitiva é o que permite ao sujeito realizar uma possível ‘leitura da mente’ do outro (produtor do texto/discurso), por meio de reelaborações e reconstruções conjugáveis e conciliáveis aos modelos mentais individuais, de cada participante do discurso.

De tal maneira, as ações e os eventos comunicativos nos recortes apresentados são parte de uma construção sociocognitiva do

discurso (VAN DIJK, 2012). Para que se perceba esses aspectos, é preciso estabelecer uma relação entre o micronível de ordem social, mais amplo, que envolve a linguagem, o discurso, a interação verbal e a comunicação; e o macronível de análise, situado em um contexto social, cultural, histórico e político, marcado por estruturas de poder e dominação (VAN DIJK, 2010).

Nos recortes, o modelo de contexto que configura o sentimento de insegurança de Lenu é construído pelo modo como ela age de maneira medrosa e insegura, diante dos eventos dos quais participa. No geral, são evidentes situações em que provavelmente teve seus direitos violados, no entanto, não teve coragem de ir à luta, reivindicá-los, buscar enfrentar os desafios que os eventos impõem. É para Lila que transfere ou deposita sua expectativa ou esperança de solucionar os problemas. Trechos, como: “estava ali porque ela também estava” (p. 21); “sempre me senti um pouco descolada de minhas próprias ações” (p. 26); “não tive coragem de voltar para casa, me refugiei” (p. 256); e “duvidei de que eu fosse capaz” (p. 331) constituem um mote significativo para a construção de tal quadro analítico.

Essa possível percepção sociocognitiva é construída a partir das experiências pessoais e sociais. Segundo van Dijk (2016, p. 09), “tais constatações podem parecer triviais, embora as implicações teóricas e analíticas detalhadas desses pressupostos sejam entendidas só em parte”, pois, ainda de acordo com o autor:

De fato, modelos de situação não dependem do uso da linguagem: nossa simples experiência e observação *de*, e nossa participação *em* eventos ou situações acontecem em função de modelos de situação, quer falemos deles ou não. Em outras palavras, nossa experiência e compreensão correntes dos eventos e situações de nosso ambiente

acontecem em função de modelos mentais que segmentam, interpretam e definem a realidade enquanto a “vivemos” (SHIPLEY, ZACKS, 2008). Embora as estruturas de uso da linguagem (p. ex., sentenças e histórias) sejam influenciadas pelas estruturas mais primitivas desses modelos mentais, os modelos mentais de nossas experiências cotidianas são independentes do discurso. (VAN DIJK, 2016, p. 11, grifos do autor)

Assim, o que se tem à disposição e bastante frutífero no campo da teoria sociocognitiva são categorizações mais amplas e abstratas, no plano teórico e empírico (KOCH; MORATO; BENTES, 2011), mas, delas, é possível emergirem subcategorias, que consolidam um conhecimento sobre as situações interativas, as ações, os eventos comunicativos e o modo como os sujeitos agenciam, sociocognitivamente, modelos de contextos subjetivos para a compreensão dessas produções textuais-discursivas.

5 Considerações finais

Este estudo, desenvolvido a partir de uma abordagem sociocognitivista no âmbito dos estudos do texto e do discurso, postulados por van Dijk e outros teóricos, analisou possíveis sentimentos de insegurança apresentados pela personagem Lenu na obra *A amiga genial*, de Elena Ferrante. Para isso, foi necessário identificar como o contexto e o discurso foram construídos pela autora, a fim de que o leitor, em contato com o romance, pudesse perceber por meio do papel social, da relação com os participantes, e das ações/eventos comunicativos, o ‘Eu-mesmo’ de Lenu como uma personagem insegura.

Utilizando as subcategorias a) o papel social dos sujeitos e b) as relações entre os participantes, que compõem a categoria em nível macro (‘O Eu-mesmo’), e a ainda servindo-se da categoria ‘Ações/Eventos comunicativos, ou de outra natureza’, procurou-se

exemplos, a partir do recortes de episódios da narrativa, que realmente a personagem Lenu tinha como característica marcante um sentimento de insegurança, tratado a partir de uma abordagem multidisciplinar, conforme recomenda van Dijk (2016) sobre o estudo do discurso. Por isso, recorreu-se à contribuição da Psicologia. Essa ancoragem teórica evidencia que o sentimento de insegurança de Lenu é identificado, seja participando como integrante de grupos diferenciados (grupo escolar, grupo de bairro etc.), seja na relação com outros participantes, em particular, com a Lila, sua principal amiga, também protagonista do romance.

Quanto a análise do texto literário é, de certa maneira, árida e densa, em virtude de lidar com a figuratividade e a conotatividade próprias da linguagem literária. Associado a esse desafio, destaca-se a teoria sociocognitivista do discurso, ao apontar para a possibilidade de construção de modelos mentais, os quais não apresentam categorias rígidas, fixas e prototípicas. Isso talvez, dificulte a análise de obras literárias, sob um viés sociocognitivo.

Contudo, com os aportes de van Dijk, a partir do objetivo proposto e do conjunto de dados em análise, é possível identificar pontos característicos e cruciais de acesso a memórias episódicas e aos conhecimentos compartilhados pelos participantes do discurso, percebendo como este e sua compreensão se estruturam e se modificam à medida que as experiências sociais vão acontecendo e também sendo modificadas.

De acordo com o procedimento analítico proposto por van Dijk (2016, p. 27): “uma análise sociocognitiva relaciona estruturas do discurso com estruturas sociais, por meio de uma análise de estruturas cognitivas”. Nesse sentido, os sentimentos de insegurança de Lenu revelados pelos modelos

de contexto foram identificados por meio de um levantamento das características da personagem, principalmente, a partir da análise de doze diferentes recortes de diferentes momentos da narrativa, articulando os fatos da infância e da adolescência, evidenciando, claramente, a insegurança como uma característica contínua e recorrente da personagem em toda a narrativa.

Assim como a categoria 'O Eu-mesmo', a categoria 'Ações/Eventos comunicativos' foi mais um modelo de contexto indispensável para o estudo do tema sentimento de insegurança em *A amiga genial*, de Elena Ferrante, pois por meio dessas categorias, foi possível identificar na narrativa da autora, o modo como ela construiu ou controlou os discursos, a fim de poder repassar o seu modelo mental de construção da personagem Lenu, como uma pessoa com pensamentos, falas, participações, atitudes, ações e reações inseguras.

Portanto, identificados apenas alguns indícios desse sentimento de insegurança, considerando a extensão da obra, destaca-se que essa proposta de explicar como as pessoas controlam e compreendem os discursos é de suma importância para a escolha dos recortes de episódios da narrativa, que evidenciam como a autora construiu o discurso, a fim de definir a insegurança como uma característica marcante do 'Eu-mesmo' de Lenu.

Referências

CASSAS, Lucas Palaia. **Sentimento de insegurança**: um ensaio metapsicológico. 2019. 148 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

DANTAS, Tatianne Santos; MOSCHEN, Simone Zanon. Escrita, vestígio e ausência em *A amiga genial* de Elena Ferrante. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 19, n. 2, p. 01-14, 2019.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. Organização: Judith Hoffnagel e Karina Falcone. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitivista. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2012.

DIJK, Teun A. van. Discurso-cognição-sociedade: estado atual e perspectivas da abordagem sociocognitiva do discurso. Tradução Pedro Theobald. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. esp. (supl.), p. 08-29, nov., 2016.

FAUCONNIER, Gilles. Créativité, simulation, and conceptualization. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 22, n. 4, p. 615-615, 1999.

FERRANTE, Elena. **A amiga genial**: infância, adolescência, vol. 1. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

FERRANTE, Elena. **História do novo sobrenome**: juventude, vol. 2. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016a.

FERRANTE, Elena. **História de quem foge e de quem fica**: tempo intermediário, vol. 3. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2016b.

FERRANTE, Elena. **História da menina perdida**: maturidade-velhice, vol. 4. Tradução Maurício Santana Dias. São Paulo: Biblioteca Azul, 2017.

FERREIRA, Milena Vargas dos Santos. Olhar-se no espelho: o *ethos* narrativo em *A amiga genial*, de Elena Ferrante. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC DE 2018: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA. **Anais...** p. 1402-1409, 2018.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina. Ainda o contexto: algumas considerações sobre as relações entre contexto, cognição e práticas sociais na obra de Teun van Dijk. **ALED (Revista Latino-americana de Estudos do Discurso)**, Brasil; Chile, vol. 11, n.1, p. 79-91, 2011.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. **A interação pela linguagem**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SECCHES, Fabiane Vertemati do Amaral. **Uma longa experiência de ausência**: a ambivalência

em *A amiga genial*, de Elena Ferrante. 2019. 158 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Recebido em: 27/09/2022
Aprovado em: 15/11/2022



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.